

A ORIGEM DA FORMAÇÃO DA PAISAGEM RURAL MEDIEVAL NO ALTO MONDEGO (GUARDA, PORTUGAL). O CONTRIBUTO DA ARQUEOLOGIA

Catarina TENTE¹
I.E.M./F.C.S.H./U.N.L.

Resumen

La investigación llevada a cabo en la región del Alto Mondego durante los últimos cinco años ha permitido la identificación de la estructura del poblamiento rural altomedieval, que comienza ahora a ser estudiada. Los datos arqueológicos y el análisis de la documentación que se han obtenido indican un cambio en la estrategia de ocupación y de explotación del territorio entre los siglos x y xii. A partir de ese momento surge una nueva red de poblamiento que es la que definirá la situación en la Plena y la Baja Edad Media. En este artículo se presentan los resultados arqueológicos y se debate sobre los posibles procesos de cambio que tuvieron lugar en esta región y que determinaron la construcción del paisaje rural medieval.

Palabras clave: Estrategias de asentamiento, Alta Edad Media, aldeas, territorios rurales, explotación de recursos de montaña.

Abstract

The last five years of research in the Upper Mondego region allowed the identification of an early Medieval rural settlement system that is now being studied. Archaeological data and analysis of written documents indicate a change in the occupation and exploitation of the territory between the tenth and twelfth centuries, when a new settlement network emerged and defined the full and late medieval periods. In this text, a presentation of the available archaeological data is followed by a discussion of the possible processes of change that framed the latter.

Keywords: Settlement strategies, Early Middle Ages, villages, rural territory, exploitation of mountain natural resources.

¹ Investigadora do Instituto de Estudos Medievais da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, bolsreira da Fundação Calouste Gulbenkian; <catarina.tente@gmail.com>.

de sítios onde haviam sido identificadas sepulturas escavadas na rocha. Estas, conjuntamente com os castelos de Linhares e de Celorico da Beira, ainda hoje conservados, eram a única informação disponível.

Trata-se de um território em que a primeira documentação escrita disponível data já de meados do século XII e ainda assim até ao século XIII é extremamente rara. Quando na documentação aparecem mais referências à região já o sistema de povoamento pleno-medieval se encontrava estabelecido. Para compreender as suas origens era essencial recorrer então à arqueologia de forma a aceder às causas da conformação da paisagem humana pelo-medieval. Estas origens tinham de ser encontradas nas estratégias de ocupação do território levadas a cabo durante a Alta Idade Média.

2. A “DESCOBERTA” DA ALTA IDADE MÉDIA...

Após uma pesquisa bibliográfica, toponímica e topográfica, às quais se aliou a recolha de informações orais, foi possível definir uma estratégia para a prospeção arqueológica. Esta visou fundamentalmente a identificação de vestígios da Idade Média, norteando-se por aqueles que são mais visíveis no terreno, as sepulturas rupestres. A abundância de sítios (Fig. 2) onde se abriram sepulturas na rocha ilustra a vitalidade na ocupação deste espaço durante a Idade Média. Todavia, é muito difícil conseguir precisar cronologicamente a construção e uso de cada uma das sepulturas, pois a baliza de utilização deste tipo pode estimar-se entre os séculos VI e XV². Em algumas ocasiões foi possível correlacionar espacialmente sepulturas com vestígios arqueológicos consentâneos de ocupação habitacional, o que ocorreu em cerca de 40% dos sítios identificados. Não obstante tal relação espacial, é praticamente impossível afirmar a contemporaneidade dos dois tipos de vestígios. Ainda assim as sepulturas serviram de guia na procura de sítios de povoamento medieval, pois não havia qualquer ideia das características culturais e materiais das comunidades medievais rurais desta região. Foi assim fundamental intervir arqueologicamente vários destes sítios³, aos quais se aliou um programa de datações por radiocarbono para que se possibilitasse a construção de *corpus* arqueológico que permitisse caracterizar as ocupações medievais da região e precisar as cronologias. Coincidentemente, e sem qualquer intenção científica inicial, todos os sítios arqueologicamente intervencionados dataram do século X, ou seja, a última fase da sua ocupação ocorre durante esta centúria, não nos sendo possível determinar, por agora, a sua fase inicial⁴. Estava-se, assim, a descobrir a Alta Idade Média, numa terra que foi, exatamente nesta fase histórica, terra de fronteira entre cristãos e muçulmanos (pelo menos teoricamente).

Um dos primeiros sítios a ser intervencionado foi o Penedo dos Mouros (Gouveia), foram ali realizadas diversas campanhas de escavação realizadas entre 1998 e 2000 e 2008 e 2009. Os trabalhos possibilitaram a recuperação de parte da superestrutura da madeira que se agregava ao *tor* granítico que domina o sítio. Nesta estrutura central de madeira e pedra, constituída pelo menos por dois pisos, estavam guardados bens e alimentos, tais como favas, trigo e certamente outros produtos que o tempo não conservou (Tente, 2007; Tente, 2010).

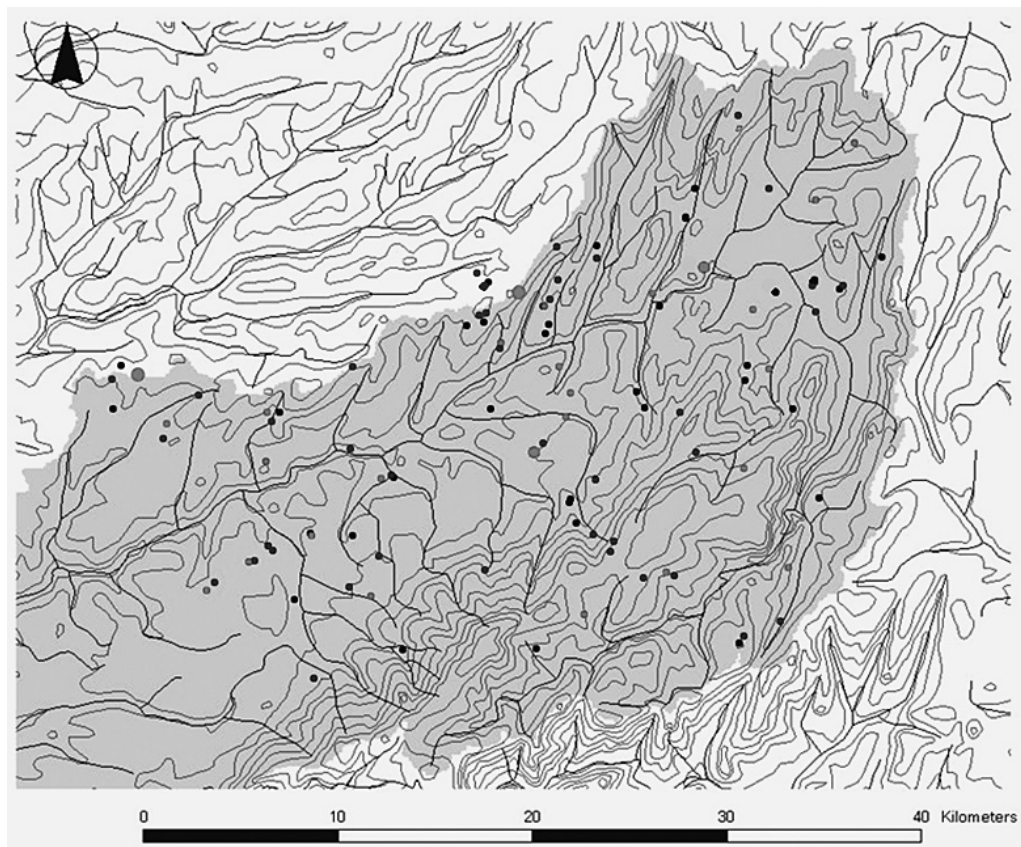
² Sobre este assunto consultar Tente, 2007; Tente, 2010; Tente e Carvalho, 2015.

³ Foram escavados quatro, mas apenas se apresentam três, pois o quarto, o Monte do Aljão, não tem dados interessantes para esta discussão, já que os contextos melhor conservados são tardo-romanos.

⁴ Tal ocorre provavelmente porque os sítios são mantidos limpos, não acumulando muito lixo das fases anteriores, estando, assim, principalmente conservada a última fase de ocupação, que corresponde aos momentos anteriores e de abandono. Sobre o processo de datação por radiocarbono consultar Tente e Carvalho, 2011.

FIGURA 2

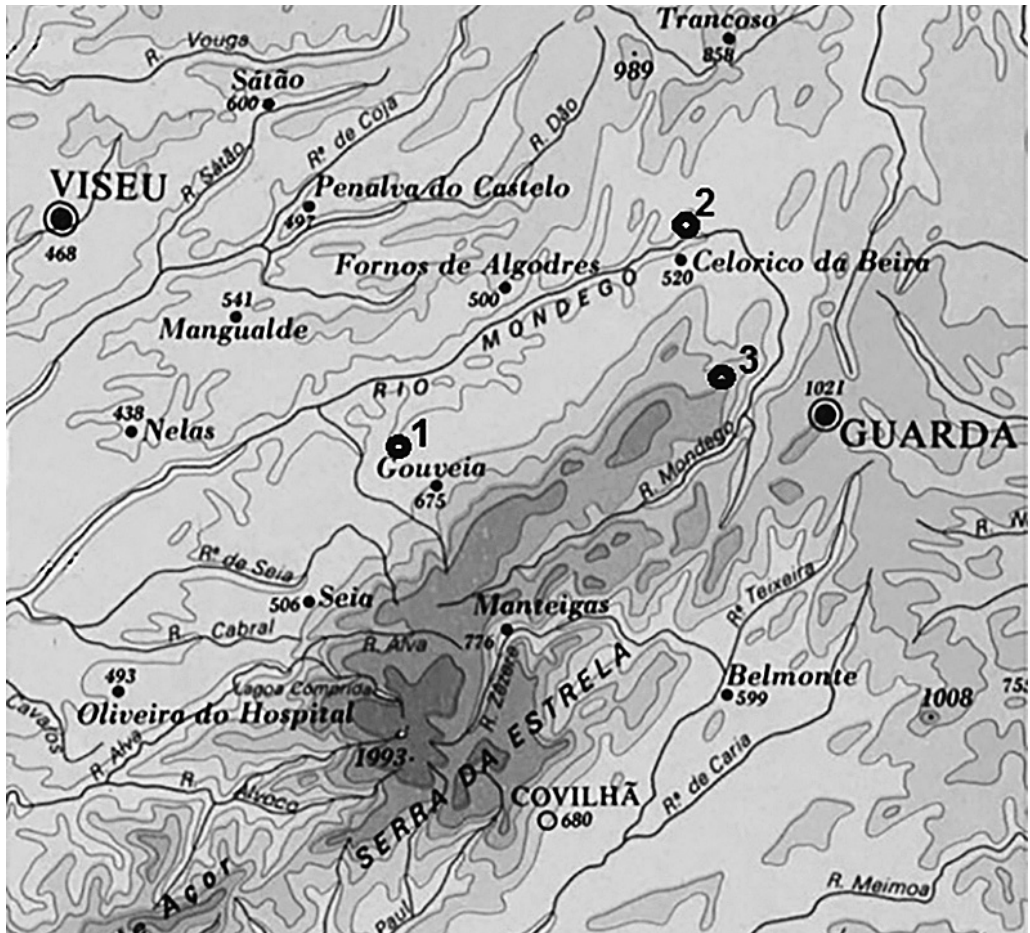
MAPA COM LOCALIZAÇÃO DE TODOS OS SÍTIOS ONDE SE IDENTIFICARAM SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA: ● SEPULTURAS ISOLADAS E GRUPOS DE 2 A 20 SEPULTURAS; ■ NECRÓPOLES COM MAIS DE 20 SEPULTURAS



Identificou-se igualmente numa área de abrigo natural que se encontra no lado sudoeste do grande *tor*, um nível de ocupação relacionável com um curral (I.P.H.E.S., 2009; Tente, 2010). O povoado encontrava-se delimitado pelos *tors* graníticos, mas também por uma estrutura pétreia constituída por pedras não aparelhadas (por vezes amontoadas sem qualquer cuidado) mas que definem o espaço e certamente conferiam alguma proteção ao espaço interior. Do ponto de vista de implantação o Penedo dos Mouros está oculto na paisagem, seja qual for o ângulo de observação, o que permite o controlo visual de um território de poucos quilómetros quadrados (Angelucci, Tente e Martins, 2004). O espaço que controla diretamente é o pequeno vale da Ribeira de Boco, um dos afluentes da margem esquerda do Mondego, que constitui uma área bem irrigada e com potencial agrícola. Trata-se, portanto, de um sítio que, aparentemente, agrega mais do que uma família e que se encontra intimamente ligada à exploração agrícola deste vale.

Outro sítio escavado situava-se precisamente no vale do Mondego. S. Gens (Celorico da Beira) localiza-se na confluência deste rio com a Ribeira dos Tamanhos (Fig. 3). A escolha

FIGURA 3
 LOCALIZAÇÃO DOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS MENCIONADOS NO TEXTO:
 1) PENEDO DOS MOUROS, 2) S. GENS, 3) SOIDA



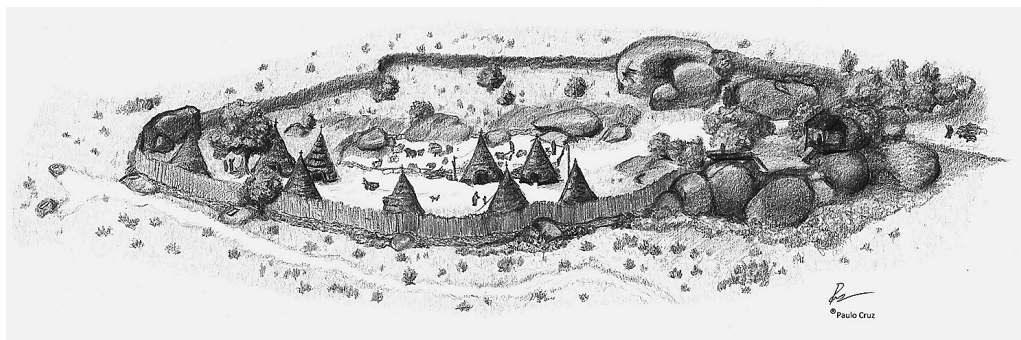
na sua localização teve ainda em conta os *tors* graníticos ali existentes, que foram reaproveitados na estrutura delimitadora do povoado, para enquadrar a entrada, desempenhando o papel de torre roqueira de controlo da entrada e de parte do vale. Esta única entrada estava virada ao vale da ribeira, exatamente do lado contrário onde se localiza a necrópole rupestre de mais de 50 sepulturas ali existente. O povoado, com planta de tendência ovalada estava delimitado por uma muralha construída em pedra não aparelhada e empilhada sem qualquer material ligante. Esta base pétrea não terá ultrapassado um metro de altura, sendo a estrutura complementada com uma paliçada de madeira. No seu interior foi possível identificar até ao momento três unidades domésticas que apenas se identificam pela presença delareiras estruturadas em pedra (Tente, 2010).

Por fim realizaram-se escavações num sítio situado em plena montanha, ocupando um dos últimos montes da vertente noroeste da Serra da Estrela. Da Soida (Celorico da Beira) é

possível controlar visualmente parte do vale do Mondego no percurso que antecede a inflexão da bacia de Celorico, avistando-se a Norte, Trancoso e a Serra da Marofa, a Este, o planalto da Guarda e a Oeste, uma das entradas para o interior da serra. O espaço do povoado encontra-se definido por um espaço cercado/amuralhado constituído por uma estrutura de base alargada (2,20 m a 2,70 m de largura) com dois paramentos de pedra não aparelhada e preenchimento em terra (sector II) e em terra misturada com pedra miúda (sector III). Esta base estrutural era encimada por uma paliçada maioritariamente constituída por carvalho-negral (Tente, 2010; Queiroz, 2009b). O espaço cercado define uma área de grande dimensão que, todavia, é fundamentalmente constituída por terrenos de inclinação marcada, estando as unidades domésticas confinadas aos escassos espaços aplanados ali existentes.

Em termos de estratégias de ocupação do espaço, quer S. Gens, quer o Penedo dos Mouros, posicionaram-se ou no interior de um vale ou no seu rebordo. Denunciam, assim, uma estratégia de exploração dos recursos agrícolas que este tipo de unidade geográfica pode possibilitar, principalmente numa região onde os solos são muito pouco espessos e de fraca capacidade produtiva. A estratégia de produção económica foi, assim, decisiva para a escolha do local de implantação dos povoados e suplantou as necessidades defensivas que estão patentes no facto de estes povoados estarem rodeados de uma cerca defensiva, erigidas em pedra não aparelhada e paliçada. Já o sítio da Soida explora o ecótomo da serra/vale do Mondego. O sua posição na serra permite aceder com facilidade aos pastos de verão, mas está sobranceiro ao vale do Mondego, ao qual uma pessoa, a andar, acede em menos de 2 horas.

FIGURA 4
RECONSTITUIÇÃO ARTÍSTICA DO POVOADO DE S. GENS
(AUTORIA DE PAULO CRUZ)



Os dados das escavações destes três sítios permitiram ainda a caracterização de alguns dos comportamentos socioeconómicos. Os escassos dados faunísticos disponíveis⁵ apontam para uma diversidade de exploração de recursos animais (ovelha/cabra, boi, porco?) e dos recursos agrícolas, estando documentado o cultivo da fava (*Vicia faba L. Var. minuta*) e do trigo (*Triticum aestivum L.*) no Penedo dos Mouros (Queiroz e Ruas, 2001, Queiroz,

⁵ A maior colecção provém de S. Gens, onde em 2012 e 2013, foi encontrada uma mancha de terras resultantes do incêndio que permitiram conservar uma colecção faunística que se encontra a ser estudada por Marta Moreno do C.S.I.C.-Madrid. Os dados aqui apresentados resultam de uma observação de terreno e da identificação de lamelas dentárias na Soida e nas campanhas de 2008 e 2011 em S. Gens.

2009a), eventualmente dos coentros (*Coriandrum sativum*) e da cerejeira ou ginjeira (*Prunus avium/cesarus*)⁶.

Também ao nível das espécies arbóreas se documentou a presença de restos de castanha e da madeira do castanheiro (*Castanea sativa*). É igualmente sistemático a identificação todos os sítios escavados da madeira e da cortiça do sobreiro (*Quercus suber*). Certamente não cultivado, mas provavelmente recolectados foram ainda identificados (Queiroz, 2009a) a presença do medronheiro (*Arbutus unedo*) e da amora (*Rubus fruticosus*).

Não obstante as áreas escavadas em cada sítio serem relativamente reduzidas, a variabilidade dos recursos agrários e florestais explorados pelas comunidades que os erigiram e habitaram, sugere que a sua economia assentava num sistema de subsistência, o qual aliava a agricultura de cereais e de leguminosas, com a pastorícia de cabras e/ou ovelhas (provavelmente complementadas com a criação de porcos e bois). O registo arqueológico mostra ainda que as populações praticavam fição e certamente a tecelagem de fibras. Tal é a ilação que se retira da identificação de vários coeiros (pedra e cerâmica) e de pedras de apoio à rotação do fuso em S. Gens e no Penedo do Mouros. Não se exclui a possibilidade do cultivo e trabalho do linho, mas para este não há evidência arqueológica direta, apenas a lã está comprovada, pelo facto de se terem identificado restos osteológicos de ovelhas.

A obtenção de proteínas era possivelmente complementada com a obtida na caça de animais como o coelho e a lebre, entre outros. Apenas em S. Gens foi possível exumar restos faunísticos, que constituem a maior colecção deste tipo da região para todas as épocas. No entanto, o seu estudo, da responsabilidade de Marta Moreno, ainda se encontra a decorrer, pelo que é ainda difícil de avançar com mais dados, só a sua finalização permitirá aferir mais dados concretos sobre a exploração dos recursos animais e a alimentação das populações de S. Gens.

Estas populações faziam ainda um uso sistemático de árvores e arbustos existentes na floresta e nas galerias ripícolas. Era aí que obtinham as matérias-primas para construir as cercas dos povoados, as cabanas onde viviam, os objectos do seu quotidiano⁷ e material combustível para as actividades artesanais que efectuavam, tal como a forja e o fabrico da cerâmica, e domésticas. Para além das espécies já mencionadas foram ainda identificadas as seguintes espécies (Queiroz, 2009a, 2009b; Queiroz e Ruas, 2001): o carvalho-negral (*Quercus pyrenaica*), a azinheira (*Quercus rutundifolia*), o carvalho cerquinho (*Quercus cfr. faginea*), o freixo (*Freixinius*), o choupo (*Populus* tipo), o salgueiro (*Salix* tipo) a giesta ou o piorno (*Genista florida* tipo), o cornogodinho (*Sorbus aucuparia*), as urzes (*Erica arborea* e *Erica lusitanica*), o queiró (*Erica umbelatta*), codeço (*Adenocarpus* tipo) a maia ou o piorno (*Cytisus* tipo).

A análise química das pastas da cerâmica (Tente, Lantes e Prieto, 2014) evidenciou uma produção fundamentalmente local, não tendo sido identificadas peças que pudessem ter sido obtidas no exterior a este território. Em cerâmica produziram-se fundamentalmente peças fechadas, tais como potes, panelas e jarros, e alguidares. Estão ausentes peças abertas de utilização individual, como os copos, as taças, as tijelas ou os pratos que deveriam ser feitos em madeira ou cortiça. Estas populações produziram os seus tecidos, bem como elaboravam os objectos de ferro que usavam e que se consubstanciavam em pregos, tachas, lâminas de facas, foices, machadinha, agulhas e um botão⁸. O trabalho do metal, pelo menos em S. Gens, implicou o controlo de todo o processo produtivo que ia deste a obtenção dos óxidos de ferro até

⁶ Neste último caso apenas identificada em S. Gens.

⁷ Certamente objetos para comer como taças, copos, pratos que se encontram ausentes das colecções de cerâmicas recolhidas em todos os sítios arqueológicos.

⁸ Os metais apenas identificados em S. Gens e, em menor quantidade, no Penedo dos Mouros.

ao seu trabalho e transformação em objectos concretos. Efectivamente o registo arqueológico mostra a presença de escórias e fundos de forja, ainda que não se tenha conseguido identificar um local concreto onde este trabalho era efectuado. Um estudo mais aprofundado dos metais, ainda em desenvolvimento, poderá dar mais dados sobre este trabalho realizado localmente.

São inexistentes traços materiais de hierarquia social, certamente que a mesma existiria, mas os dados arqueológicos não registam materiais de exceção, nem espaços intra-povoado que sejam destacados ou mais cuidados. Os espaços funerários também não evidenciam uma organização hierárquica, a única exceção é a sepultura do Penedo dos Mouros, que terá sido escavada após ao abandono do povoado e marca simbolicamente o local. Aparentemente os únicos objectos que deverão ter sido obtidos fora da região (através de saque ou de comércio) são três contas de colar em pasta vítrea e um fragmento não identificado de bronze. As contas apresentam um grande desgaste no orifício destinado à sua suspensão o que comprova a sua utilização prolongada. Não são, portanto, evidentes a existência de redes comerciais, de uma hierarquização interna dos povoados, nem de uma hierarquização do povoamento. Ou seja, da análise espacial dos sítios identificados para este período na região, não se destaca nenhum em particular, nenhum se posiciona geograficamente numa posição dominante.

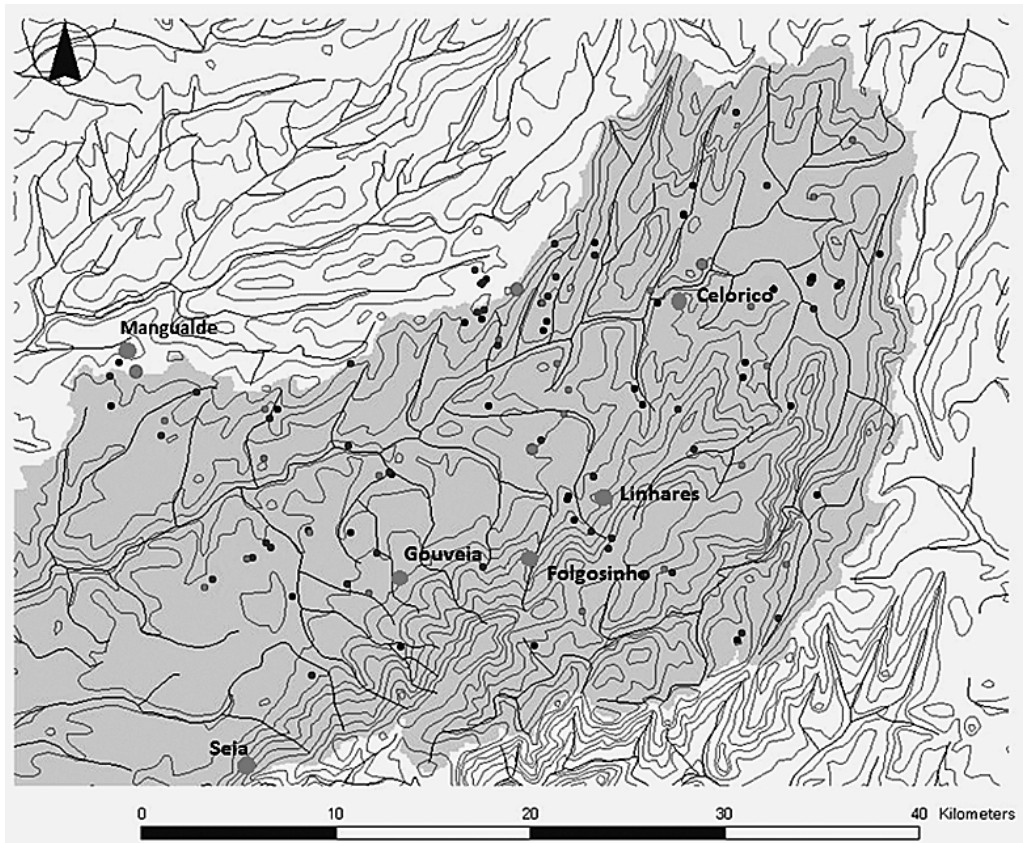
Face a estes dados, somos levados a crer que se tratariam de comunidades autárquicas que conheciam bem a região e que ocuparam as áreas onde era possível garantir a prática de uma economia de subsistência, que basicamente na diversidade da exploração dos recursos animais e vegetais. A mudança na estratégia de povoamento e da economia mudou, todavia, de forma relativamente rápida, pois no espaço de um máximo de 50 anos todos estes sítios são abandonados. O registo arqueológico da segunda metade do século x é marcado pela ocorrência de grandes incêndios nos sítios do Penedo dos Mouros, da Soida e de S. Gens. Estes são totalmente destruídos para não mais voltarem a ser habitados. É muito difícil através do registo arqueológico saber se estes incêndios ocorrem após o abandono intencional por parte dos seus habitantes, ou se os povoados são abandonados na sequência dos incêndios. O que é de sublinhar é que estes não voltam nunca mais a ser ocupados, ou seja, os incêndios destrutivos marcam o início de uma nova era e de uma nova estratégia na estruturação do povoamento e da sociedade.

3. OS SÉCULOS XI E XII E A CONSTRUÇÃO DA PAISAGEM PLENO-MEDIEVAL

É na segunda metade do século xi, a propósito das campanhas de Fernando, o Magno, que aparecem as primeiras referências documentais aos castelos de meia encosta, como Gouveia, Linhares, Folgoso e Seia (Fig. 5). Estes implantaram-se em áreas estratégicas de amplitude visual, marcando a paisagem e, simultaneamente, organizam de forma coordenada a defesa do corredor *colimbriano*, a passagem natural que ligava a Meseta ao litoral. A escolha da sua localização e a inter-visibilidade que patenteiam são evidência de uma estratégia defensiva de escala supra-local, diferente da que se pode intuir da localização dos povoados destruídos no séculos x. Esta nova estratégia na ocupação do espaço atesta a ação de um poder que tinha por objetivo a defesa de um território mais abrangente que a própria bacia do Alto Mondego. Tera sido por essa razão que, segundo Rodrigo de Toledo (Mattoso, 1986/87), Fernando o Magno os terá conquistado entre 1055 e 1057, antes de tomar Viseu. Infelizmente a origem destas estruturas defensivas não é possível de determinar à luz dos conhecimentos atuais. Nos casos de Celorico e de Linhares (os quais foram objeto de obras por parte da Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais) conhecem-se alguns materiais arqueológicos provenientes de níveis profundamente perturbados, mas que não permitem recuar para lá do século xii.

FIGURA 5

MAPA COM LOCALIZAÇÃO DE TODOS OS SÍTIOS ONDE SE IDENTIFICARAM SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA: • SEPULTURAS ISOLADAS E GRUPOS DE 2 A 20 SEPULTURAS; ■ NECRÓPOLES COM MAIS DE 20 SEPULTURAS; ● CASTELOS / POVOAÇÕES PRESUMÍVEIS NA DOCUMENTAÇÃO DO SÉCULO XI



Admitimos, todavia, que a sua origem é mais antiga, já que os mesmos deveriam estar ativos na segunda metade do século XI, quando das campanhas de Fernando, o Magno, apontando-se como provável a sua origem entre o fim do século X e meados do XI.

É neste período que se regista uma alteração significativa nos registos polínicos da Serra da Estrela. A montanha é, a partir de então, explorada de forma mais intensiva, não permitindo que a vegetação natural, nomeadamente a floresta de carvalhos, se regenere. Os estudos levados a cabo por van Der Knaap e van Leeuwen (1995 e 1997) no Charco da Candieira, a 1.400 m de altitude, e por Janssen e Woldringh (1981) na Lagoa Comprida a 1600 m de altitude, evidenciam um aumento dos pólenes relacionados com culturas de pasto e cultivo de cereais (como o centeio) que sucedem a fases de incêndios/queimadas. Em simultâneo regista-se uma diminuição acentuada dos pólenes arvenses. Estes dados indicam que é a partir deste momento que a montanha passa a ter um papel fundamental na economia local, sendo considerada um espaço vital para o desenvolvimento de actividades pastoris e agrícolas, assumindo um papel

preponderante na economia da região que se consubstancia numa escala de exploração superior à que até então era praticada. Este facto parece indicar uma mudança de estratégia económica ou uma alteração do modelo de exploração. Os demais dados da arqueologia não sustentam um aumento significativo da população, pelo que esta não deve ser a causa da exploração intensiva dos pastos serranos registada durante o século XI.

A serra seria já ocupada na fase anterior. Aí se localizavam a Soida e vários sítios com sepulturas escavadas na rocha (Tente, 2007; Tente, 2010). Mas a ocupação humana na fase anterior ao século XI não motivou a exploração intensiva que se observa nos registos polínicos a partir de então.

Esta exploração económica sistemática da serra não deve, pois, estar dissociada das alterações que se registam nos vales e na meia encosta. Tudo aponta para que estas alterações sejam o resultado da intervenção de novos poderes com escalas de actuação supra locais (senhoriais). Estes, não só organizaram a defesa deste território através da construção da rede de castelos de meia encosta e de novos caminhos que os interligavam, como promoveram uma alteração das estratégias de povoamento, levando, a bem ou a mal, as populações a abandonarem os antigos locais de habitação. É provável, por isso, que a utilização intensiva do espaço serrano esteja igualmente ligada com uma nova situação político-social, resultando de alguma forma, da ação direta ou indireta desses poderes.

A viragem do milénio e a estabilização da linha de fronteira com o poder islâmico em meados do século XI, marcam um novo ponto de viragem na organização socioeconómica e administrativa do Alto Mondego. Será também a partir de então que o uso das sepulturas escavadas na rocha dispersas pela região chegará ao seu termo e dará lugar a um processo, de origens complexas, que conduz à sua aglomeração em torno de edifícios paroquiais. A rede de igrejas paroquiais emerge na documentação perfeitamente estabelecida no século XIII. O momento do início da sua implantação não é possível de determinar, já que, tal como referido, não se conhecem quaisquer edifícios religiosos anteriores ao século XII. É possível que este processo remonte ao final do século XI, isto é, após a conquista definitiva da linha do Mondego, e que seja, assim, contemporâneo da reestruturação administrativa baseada nas Terras. O que é impossível perceber é se estas igrejas se irão implantar em aldeias já constituídas ou se, pelo contrário, serão motores de agregação de povoamento que darão origem a novas povoações.

Efetivamente, e certamente em simultâneo com este processo de paroquialização, aparecem as primeiras referências documentais às aldeias pleno-medievais. As exceções são as menções a aldeias ocorridas na documentação ainda durante o século XII, mas situadas, todas elas, na segunda metade dessa centúria (*vide* quadro 1). Ao observarmos o mapa da figura 6, verificamos que se conhecem para Figueiró e S. Cosmado, sepulturas escavadas na rocha. No primeiro caso as sepulturas (três núcleos de 2 a 5 sepulturas) localizam-se nos limites da atual aldeia. Supõe-se, por isso, que as mesmas não se localizavam no interior do aglomerado do século XII, o que significa que não há uma sobreposição direta entre uma ocupação alto medieval com a pleno medieval. O mesmo ocorre com S. Cosmado, mas aqui há ainda a referir que se trata de apenas um núcleo com duas sepulturas.

Em Vide não se conhecem sepulturas e no Arcozelo, que se situa no vale da Ribeira de Boco, não há coincidência direta entre sepulturas ou sítios com ocupação alto medieval. Mas neste último caso, a aldeia do Arcozelo pode ter beneficiado do abandono do Penedo dos Mouros⁹ e de um outro local de ocupação tardo-antiga e alto medieval (não escavado)

⁹ Um documento datado de 1140 faz referência a esta aldeia e refere também o sítio do Penedo dos Mouros, mas denominado como Castro do Lobo (Livro Preto, doc. n.º 52, Rodrigues, 1999). O sítio estava ainda na memória da população e servia de referencial geográfico e ideológico deste território, mas não se encontrava já ocupado,

denominado de Risado. Ambos explorariam o vale e a confluência das Ribeiras de Boco e de Gouveia, espaço que passa a ser explorado pelos habitantes da nova aldeia, que, curiosamente, se situa a meia distância entre este dois sítios arqueológicos.

QUADRO 1
RELAÇÃO DAS PRIMEIRAS REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS A ALDEIAS
PLENO-MEDIEVAIS NA REGIÃO DO ALTO MONDEGO

<i>Topónimo/aldeia</i>	<i>Data</i>	<i>Referência</i>
Arcozelo	1140	Livro Preto, doc. n.º 52
Figueiró	1161	<i>Taraucae Monumenta Historica</i> , doc. 604
Vide	1177	<i>Taraucae Monumenta Historica</i> , doc. 580
S. Cosmado	1196	<i>Taraucae Monumenta Historica</i> , doc. 595
Minhocal	1210	<i>Taraucae Monumenta Historica</i> , doc. 518
Rapa	1226	<i>Taraucae Monumenta Historica</i> , doc. 582
Abrunhosa-a-Velha	1245	<i>Taraucae Monumenta Historica</i> , doc. 621
Açores	1256	<i>Chancelaria de Afonso II</i> , doc. 101
Nabais	1258	<i>PMH-Inquisitiones</i> , vol. I *
Nabainhos	1258?	<i>PMH-Inquisitiones</i> , vol. I *
Melo	1258?	<i>PMH-Inquisitiones</i> , vol. I *
S. Paio	1258?	<i>PMH-Inquisitiones</i> , vol. I *
Nespereira	1258?	<i>PMH-Inquisitiones</i> , vol. I *
Vinhó	1258?	<i>PMH-Inquisitiones</i> , vol. I *
Lagarinhos	1258?	<i>PMH-Inquisitiones</i> , vol. I *
Paços	1258?	<i>PMH-Inquisitiones</i> , vol. I *
Rio Torto	1258?	<i>PMH-Inquisitiones</i> , vol. I *
Passarela	1258?	<i>PMH-Inquisitiones</i> , vol. I *
Vila Nova	1258?	<i>PMH-Inquisitiones</i> , vol. I *
Mangualde	1258?	<i>PMH-Inquisitiones</i> , vol. I *
Moimenta	1258?	<i>PMH-Inquisitiones</i> , vol. I *

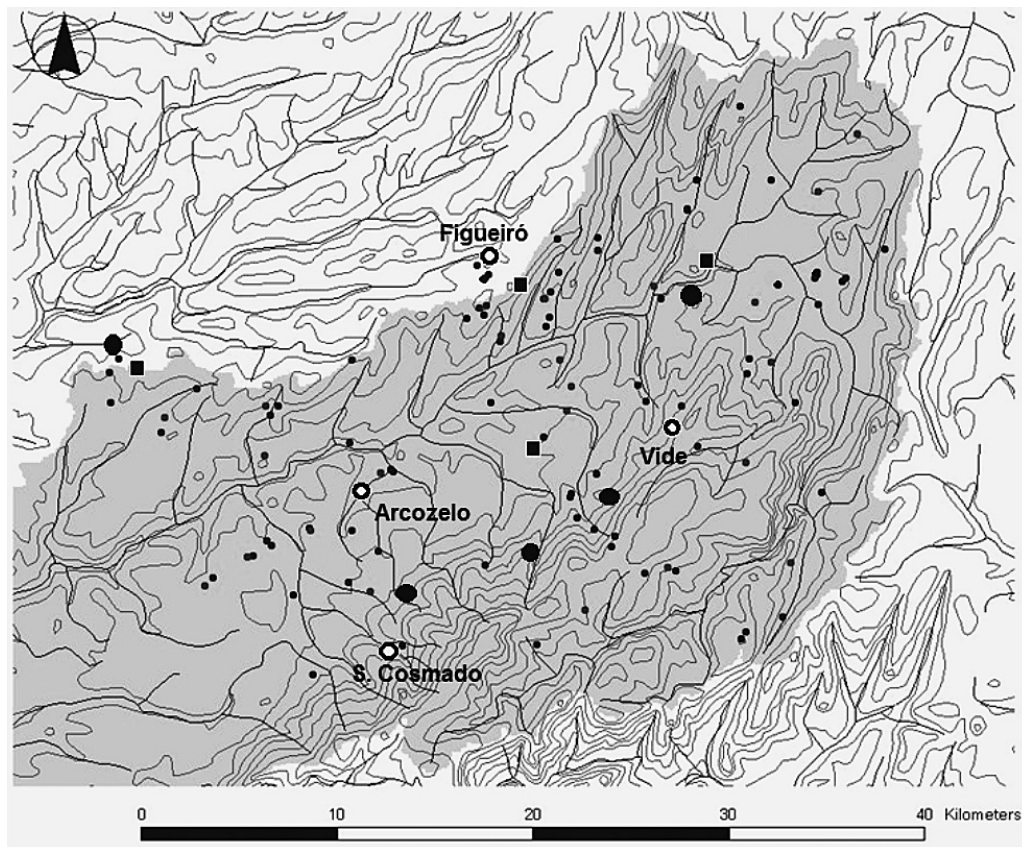
* Com base nas Inquirições de 1258, *vid.* em PINA, 1998, mapa 8 (p. 31), mapa 10 (p. 35), mapa 12 (p. 45), mapa 19 (p. 74), mapa 22 (p. 93), mapa 24 (p. 95).

No século XIII, principalmente a partir das Inquirições de 1258, é possível visualizar uma paisagem em que os núcleos populacionais, tipo aldeia, correspondem praticamente aos existentes na actualidade. Quintuplicam-se as referências documentais às aldeias desta região, o que mostra que o quadro do povoamento e da organização administrativa e religiosa estava já bem implementada (Quando 1 e Fig. 7). A análise da figura 7 permite verificar que já não é evidente, nesta fase, uma coincidência entre as aldeias e os sítios alto medievais com sepul-

tal como se documentou arqueologicamente. O uso do termos castro remete não só para um sítio que havia sido provido de estruturas defensivas, como atesta a noção de antiguidade do local.

FIGURA 6

MAPA COM LOCALIZAÇÃO DE TODOS OS SÍTIOS ONDE SE IDENTIFICARAM SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA: ● SEPULTURAS ISOLADAS E GRUPOS DE 2 A 20 SEPULTURAS; ■ NECRÓPOLES COM MAIS DE 20 SEPULTURAS; ● CASTELOS / POVOAÇÕES PRESUMÍVEIS NA DOCUMENTAÇÃO DO SÉCULO XI; ○ ALDEIAS DA DOCUMENTAÇÃO DO SÉC. XII

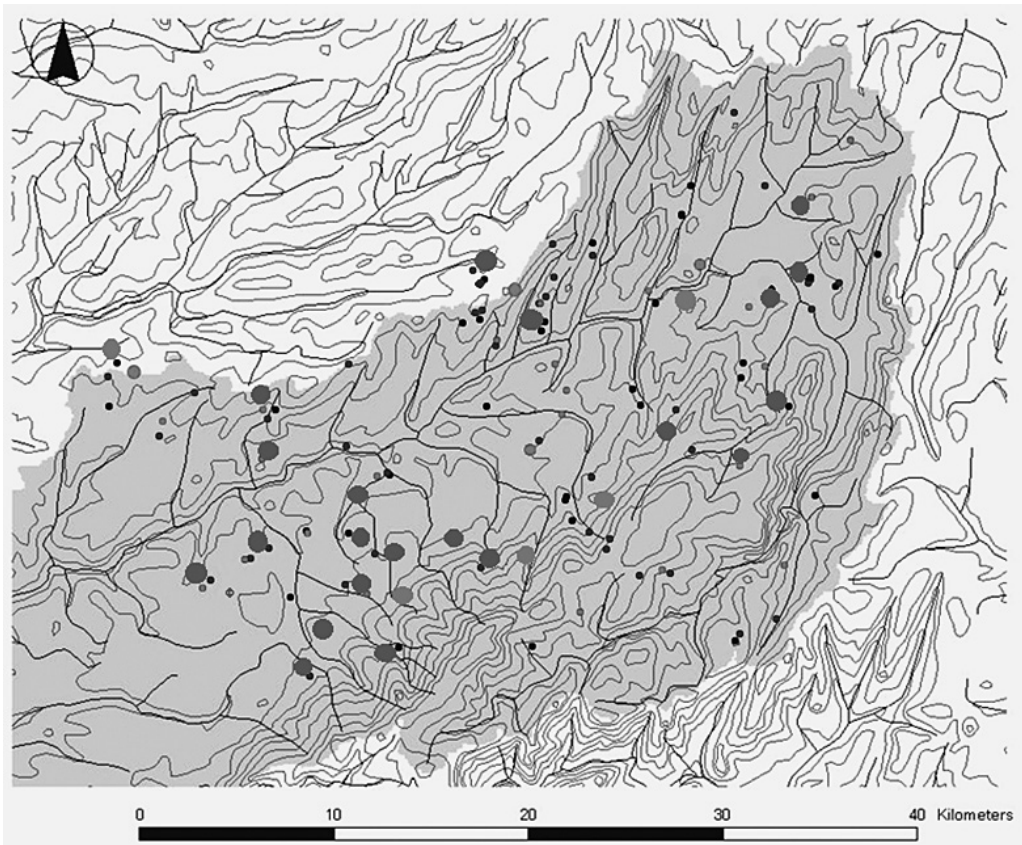


turas rupestres. Apenas no caso de Nespereira (Gouveia) se conhecem sepulturas situadas no centro da aldeia. Contudo, não se pode ignorar que este exercício de análise espacial choca com toda a certeza com o facto de não se estar perante todos os dados. Isto é, de certeza que o crescimento urbano das aldeias nas centúrias subsequentes ditou a ocultação dos vestígios de eventuais ocupações anteriores, o que impossibilita uma leitura de continuidade (ou não) da ocupação das aldeias que constituem a rede de povoamento pleno medieval. Este é uma incógnita incontornável e que só pode ser ultrapassada com a escavação sistemática do subsolo das aldeias actuais, o que se afigura de difícil execução.

O que se tem por certo, por agora, é que no Alto Mondego existiram na Alta Idade Média povoados supra-familiares que, no século X (ou eventualmente ainda no século IX), explorariam, em regime de uma economia de subsistência, um território circunscrito que lhes estava anexo. A segunda metade do século X ditou o seu abandono para não mais serem

FIGURA 7

MAPA COM LOCALIZAÇÃO DE TODOS OS SÍTIOS ONDE SE IDENTIFICARAM SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA: ● SEPULTURAS ISOLADAS E GRUPOS DE 2 A 20 SEPULTURAS; ■ NECRÓPOLES COM MAIS DE 20 SEPULTURAS; ● CASTELOS / POVOAÇÕES PRESUMÍVEIS NA DOCUMENTAÇÃO DO SÉCULO XI; ○ ALDEIAS DA DOCUMENTAÇÃO DO SÉC. XIII



ocupados. Com probabilidade, nas décadas seguintes a estes acontecimentos foi implantada uma rede de castelos na região (que serão as cabeças-de-terra e as futuras sedes de concelho) e intensifica-se a exploração dos recursos serranos. Com a estabilização da linha de fronteira reorganizaram-se administrativamente os territórios através da implantação do sistema de Terras. Consequentemente, iniciou-se o processo de estabelecimento das paróquias, que terá determinado o progressivo abandono do modo de inumação em sepulturas rupestre em benefício do cemitério paroquial.

No século XII emergem na documentação a menção às igrejas e às aldeias que definem a malha de povoamento pleno-medieval. Não é improvável que algumas destas “novas” unidades de povoamento possam ter surgido entre os séculos VIII e XI, mas tal é de muito difícil comprovação. Muitas destas aldeias, mencionadas na documentação a partir do século XII, terão origem num momento anterior à evidência documental. Mas quando? E porque razão o seu surgimento

e a construção dos castelos parece estar relacionada com o desaparecimento dos núcleos habitacionais alto medievais recentemente escavados? Há uma causa-efeito? Parece que sim, mas as suas causas são ainda de difícil determinação. O futuro da investigação sobre estes territórios rurais medievais e sobre as comunidades que os exploraram passa, prioritariamente, pela resolução desta questão.

BIBLIOGRAFIA

- ANGELUCCI, D., TENTE, C. e MARTINS, A. R.
(2004): “O Penedo dos Mouros e a sua integração paisagística”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7:1, Lisboa, pp. 467-481.
- DAVEAU, S.
(1969): “Structure et Relief de la Serra da Estrela”, *Finisterra*, IV, 7-8, pp. 31-63 e pp. 159-197.
- FERNANDES, A. A. (ed.)
(1992-93): *Taraucae monumenta historica, livro das doações de Tarouca*. Braga, Camara Municipal de Tarouca.
- FERREIRA, A. de B.
(1978): *Planaltos e Montanhas do Norte da Beira*, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos (Memórias do Centro de Estudos Geográficos; 4).
- I.P.H.E.S.
(2009): *Análisis de fitolitos*, Tarragona, policopiado (unpublish report).
- JASSEN, C. R. e WOLDRING, R. E.
(1981): “A preliminary radiocarbon dated pollen sequence from Serra da Estrela, Portugal”, *Finisterra*, XVI, 32, pp. 299-309.
- MATTOSO, J.
(1986/87): *Seia na Idade das Trevas*, Seia, Câmara Municipal de Seia.
- PINA, M. I.
(1998): *A Encosta Ocidental da Serra da Estrela. Um Espaço Rural na Idade Média*, Cascais, Patrimonia.
- QUEIROZ, P.
(2009.^a): *Estudo antracológico no sítio de S. Gens, Celorico da Beira*, Terra Scenica-Território Antigo (Relatório 13), policopiado (unpublish report).
(2009b): *Estudo arqueobotânico no Povoado Medieval da Soida, Celorico da Beira*, Terra Scenica-Território Antigo (Relatório 12), policopiado.
- QUEIROZ, P. e RUAS, J. P.
(2001): *Estudos de arqueobotânica no Penedo dos Mouros*, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia (Trabalhos do CIPA; 13), policopiado.
- RODRIGUES, M. A. (ed.)
(1999): *Livro Preto. Cartulário da Sé de Coimbra*, Coimbra, Universidade de Coimbra.
- TENTE, C.
(2007): *A ocupação alto-medieval da Encosta Noroeste da Serra da Estrela*, Lisboa, IPA, Trabalhos de Arqueologia, 47.

- (2010): *Arqueologia Medieval Cristã no Alto Mondego. Ocupação e exploração do território nos séculos v a xi*, Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, policopiado.
- TENTE, C. e CARVALHO, A. F.
(2011): “The establishment of radiocarbon chronologies for early medieval sites: a case study from the upper Mondego Valley (Guarda, Portugal)”, *Munibe*, 62, U.P.V., pp. 461-468.
- (2015): “Sepulturas e necrópoles alto-medievais na investigação arqueológica portuguesa: metodologias, problemáticas e perspetivas”, in J. A. Quirós Castillo e S. Castelhanos (eds.), *Quiénes fueron, qué fueron y que hacían. Identidades y arqueología funeraria entre los siglos v y viii*, Vitória, U.P.V., pp. 125-144.
- TENTE, C., LANTES, O. e PRIETO, P.
(2014): “A produção cerâmica dos séculos ix a xi da região do Alto Mondego (Portugal)”, in A. de Man e C. Tente (coords.), *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e o Centro de Portugal. Séculos ix a xii*, Lisboa, I.E.M., pp. 110-139.
- VAN DER KNAAP, W. O. e VAN LEEUWEN, J. F. N.
(1995): “Holocene vegetation succession and degradation as responses to climatic change and human activity in the Serra de Estrela, Portugal”, *Review of Palaeobotany and Palyonology*, Elsevier, pp. 153-211.
- (1997): “Late Glacial and early Holocene vegetation succession zonation, and climatic change in the Serra de Estrela, Portugal”, *Review of Palaeobotany and Palyonology*, 97, Elsevier, pp. 239-285.

